



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente da Mesa da Assembleia da UMAR

Questões de Género no Século XXI: Parte VII

Num mês em que muito se tem falado do regresso às aulas, em todos os níveis de ensino, acabo de ler um artigo sobre o colega linguista da Universidade Nova Marco Neves, que partilha vídeos online sobre a origem das palavras e outras curiosidades da língua lusa. Com 72 milhões de visualizações só neste ano, este professor é, em Portugal, o maior divulgador da língua portuguesa e, acrescento eu, um homem de bem, entre muitos outros, num mundo onde os maus parecem imperar, e acabam por reinar, se calhar porque lhes damos demasiada atenção.

No YouTube, encontrei vídeos de Marco Neves sobre temáticas variadíssimas: A extraordinária origem da palavra escola; A língua mais próxima do português e Porque dizemos São João, mas Santo António? Como estas, que achei excelentes, há muitas mais temáticas a descobrir. No entanto, não encontrei referência ao uso problemático da palavra Homem, com H grande, para indicar Humanidade, quando hoje faz muito mais sentido dizer Humano ou Ser Humano, termos mais justos e igualitários.

Uma temática recorrente nos vídeos deste académico tem a ver com a origem das palavras. Como língua românica, o português deriva do latim mas, ao longo dos séculos, o corpus lexical absorveu uma panóplia de vocábulos que derivam de outras línguas do mundo. Marco Neves diz-nos, por exemplo, que a sua palavra favorita é “azul” que vem do árabe lazurd, lápis-lazúli, etimologia que também faz parte do livro De Abajur a Zumba: Estrangeirismo no Português que publiquei em 2016. (Ver rosasimas.com).

Tanto este livro, como os vídeos de Marco Neves, comprovam o que é mais que evidente. Tal como as pessoas emigram, de um lugar para outro, as palavras emigram, de uma língua para outra, dinamizando e enriquecendo essa língua, qualquer língua, que é a base de qualquer cultura, sociedade ou escola. ■

O MAL que Incita ao Ódio e Pretende Mesmo Fazer Mal

Já percebemos que há uma crescente retaliação contra os avanços na luta pela igualdade de direitos das mulheres, das minorias, e dos imigrantes – ou seja, contra quem não cabe no perfil do homem branco, o guardião da masculinidade, pura e dura, a personificação da chamada masculinidade tóxica. Podem não gostar do termo, mas que é tóxica, lá isso é!

Basta pensar nos Estados Unidos, onde a presente administração federal, no poder há uns escassos nove meses, já derrubou todos os programas DEI – Diversity, Equity + Inclusion (Diversidade, Equidade e Inclusão) – para além da infinidade de medidas e diretivas engendradas pelo atual inclino da Casa Branca, em si o protótipo do macho tóxico à lá século XXI. Cada um com as suas particularidades, temos também o ocupante do Kremlin e o líder do Knesset em Telavive, figuras adeptas do quero-posso-e-mando capazes de perpetrar e perpetuar guerras sangrentas e todo o tipo de violência.

Sabemos que o discurso de ódio que promove esta

violência tem-se espalhado pelo mundo, alimentado pelos algoritmos e redes sociais, onde o mais chocante e repugnante se prolifera com a rapidez de uma labareda intensa. Haveria formas de reduzir esta devastação propagada pela Internet, mas os donos das plataformas gozam de total liberdade e, é claro, não querem saber.

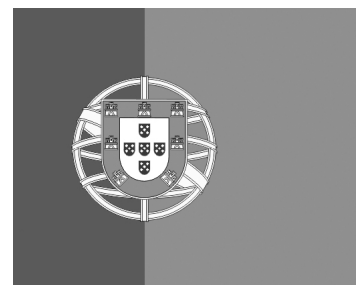
Assim, em Portugal, pros-

peram gangues como o Movimento Armilar Lusitano (MAL), descoberto pela PJ no início do verão. Espeelhando o ultra-nacionalismo deste gangue de extrema-direita, “Lusitano” evoca as origens tribais da nação e “Armilar” a esfera simbólica reproduzida, por exemplo, na bandeira portuguesa.

Do latim armilla, anel, este termo, na astronomia,

refere-se à esfera armilar, antigo instrumento composto por anéis articulados representando os principais círculos da esfera celeste. Armando-se em guardiões da pátria, estes Agentes do MAL estavam armados até aos dentes para fazer o que a sigla escolhida indica. ■

Rosa Neves Simas
UMAR-Açores



Janela para o Futuro

Miguel Esteves
Educatador de Infância

As Estórias na Promoção da Igualdade de Género

A Igualdade de Género é um dos pilares fundamentais para a construção de sociedades mais justas e inclusivas. Na minha experiência, Contar Estórias contribui para a promoção da Igualdade de Género. As Estórias acompanham a humanidade desde sempre e são uma estratégia educativa poderosa na formação e transmissão de valores importantes como a aceitação das diferenças e igualdade. Contadas,

registadas em livros ou representadas, moldam a forma como pensamos sobre o mundo e sobre nós próprios. As Estórias podem despertar no leitor ou ouvinte uma conexão com os personagens e situações, desenvolvendo assim empatia pelos desafios e experiências de pessoas diferentes. Esta identificação emocional pode levar a atitudes mais justas no quotidiano como o respeito, partilha e valorização das capacidades dos outros. As estórias têm o poder único de

sensibilizar, inspirar, instruir e provocar mudanças profundas no imaginário coletivo e são uma ferramenta poderosa na educação e sensibilização para a igualdade de género. Contar uma Estória é semear e quanto mais sementes de igualdade plantarmos, mais perto estaremos de construir um futuro em que ninguém é julgado por ser rapaz ou rapariga, mas sim pelas suas ações, sonhos e capacidades, possibilitando a todos as mesmas oportunidades. ■